



Oliveira Paiva e o pensamento de uma época: imprensa científica e abolicionista no Ceará de 1880¹

Tiago Coutinho PARENTE²
Universidade Federal do Ceará, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

O presente artigo traz um perfil intelectual do cearense Oliveira Paiva. Escritor e jornalista, Paiva viveu no período da segunda metade do século XIX. Integrante dos redutos intelectuais dos anos de 1880, ele participou de dois órgãos de imprensa: o jornal Libertador e a revista A Quinzena. Abolicionista e republicano, utilizou a palavra escrita como principal veículo para difundir suas ideias políticas. Na literatura, contribuiu para a difusão das discussões teóricas sobre o naturalismo no Brasil. Além do trabalho de crítico, deixou um legado de dois romances. Ao percorrer os rastros de Oliveira Paiva, procura-se apresentar também a lógica de funcionamento e as intenções da imprensa cearense na segunda metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Oliveira Paiva, Imprensa Cearense, Pensamento Científico, Naturalismo.

1. Um prelúdio biográfico

Dois romances, algumas novelas e vários textos políticos e/ou críticos foram a herança de Oliveira Paiva para o Ceará. O testamento, porém, só se revelou mais de meio século após a morte do escritor. Quando Oliveira Paiva faleceu, vítima de tuberculose, aos 31 anos, em 1892, ele não tinha nenhum livro publicado. O primeiro romance, *A Afilhada*, escrito em 1888, permanecia guardado nos rodapés de o Libertador, jornal abolicionista. Já o segundo, *Dona Guidinha do Poço*, de 1892, estacionara pelos manuscritos, documento conservado pelo amigo e poeta Antonio Sales. Contos avulsos e outras dezenas de textos políticos ou sobre crítica de arte ficaram espalhados entre os periódicos com os quais ele colaborou.

O nome de Oliveira Paiva poderia ter ficado no esquecimento. No final da década de quarenta do século XX, a crítica literária mineira Lúcia Miguel-Pereira realizava uma pesquisa sobre a história de literatura brasileira e se deparou, na edição de 1897 da *Revista Brasileira*, com o primeiro capítulo do livro *Dona Guidinha do Poço*. Encantada com o texto, Lúcia Miguel-Pereira se instigou em conseguir o restante do livro, pois a revista, organizada por José Veríssimo, havia falido no mesmo ano e o

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor assistente do Curso de Comunicação Social da UFC-Cariri, email: tiagocoutinho@cariri.ufc.br.



romance não conseguiu ser publicado em sua totalidade (Tinhorão, 1986). Os manuscritos conservados com Antonio Sales, após a morte deste, passaram a compor o patrimônio de Eurico Facó, amigo de Lúcia Miguel-Pereira. Diante dos manuscritos, a crítica, em 1952, conseguiu publicar o livro pela editora Ática. Dona Guidinha... recebeu uma acolhida elogiosa pela crítica nacional da época, e Oliveira Paiva passou a integrar a “história da literatura brasileira” como um escritor realista-regionalista.

A biografia de Oliveira Paiva despertou meu interesse no primeiro contato principalmente por sua controversa trajetória. Costumo chamá-lo de escritor “póstumo”, pois, a rigor, ele só passou a configurar a história literária bem depois de sua morte. Ao aprofundar na sua trajetória, percebi que Oliveira Paiva, além de escritor, contribuiu, no Ceará, para a divulgação da palavra escrita por meio do jornalismo. Os dois principais veículos onde depositou suas ideias foram *Libertador* e *A Quinzena*. O primeiro encampou a campanha pela abolição dos escravos no Ceará e, posteriormente, tornou-se o porta-voz do movimento republicano no Estado. O segundo fora fundado pelo próprio autor em parceria com amigos intelectuais de Fortaleza, integrantes do Clube Literário³.

Na segunda metade do século XIX, a capital cearense demonstrava uma fase de grande preocupação com os elementos culturais. Havia uma agitação de idéias. “Todos escreviam, discursavam, e tudo era motivo de inspiração para versos candentes” (Pinto, 1967, 17). Anterior a esse período, consta o surgimento da Academia Francesa⁴ com as atividades a Escola Popular no Ceará, que contou com a participação de Capistrano de Abreu e outros intelectuais, como Rocha Lima, Araripe Jr.

Preocupada principalmente com a crítica literária, a geração de 70, como assim ficaram conhecidos esses escritores, trouxe para o Ceará o pensamento positivista. Liam Comte, Spencer, Darwin. Para esses intelectuais, a leitura sociológica proporcionava uma possibilidade de superação da realidade provinciana. Unia-se à ideia de progresso e de civilização. “A interferência dos intelectuais, dos cientistas, seria fundamental para a

³ O Clube Literário, de acordo com Sânzio de Azevedo, foi fundado em 15 de novembro de 1886, por João Lopes e outros. A agremiação representa os primeiros sinais concretos de Realismo no Ceará. A Quinzena apresenta textos que já se podem enquadrar na nova corrente estética. Na opinião do professor Sânzio de Azevedo, Oliveira Paiva, por meio de seus contos, despontava o realismo com mais vigor e mais elegância artística. Mesmo assim, participaram como associados do Clube Literário os românticos Juvenal Galeno, Virgílio Brígido, Martinho Rodrigues e os considerados Poetas da Abolição: Antônio Bezerra, Antônio Martins e Justiniano de Serpa. (Azevedo In: Souza, 1989, 182).

⁴ A Academia Francesa, de acordo com o pesquisador Sânzio de Azevedo (1971), foi um movimento “litéro-filosófico”, por não ter tratado somente de Filosofia, nem somente de Literatura. Além da Escola Popular, o grupo publicou vários artigos no periódico maçônico *Fraternidade*. Boa parte dos integrantes da Academia Francesa frequentou a escola do Ateneu Cearense e, posteriormente, o Liceu do Ceará.



organização dos argumentos em favor da abolição da escravidão como forma de combater a ‘atrofia da sociedade’” (Oliveira, 2002, 35).

A geração que se seguiu a desses intelectuais – na qual se encontra Oliveira Paiva – viveu o momento das publicações literárias, dos movimentos intelectuais fugazes e dos jornais políticos. O “mundo do jornalismo foi fundamental em anos posteriores para a organização do movimento abolicionista e propagandista republicano” (Oliveira, 2002, 36).

O noticiário da província consistia em registros muito abreviados, contendo apenas os dados essenciais. Havia a correspondência do interior, porém restrita aos assuntos pertinentes aos compromissos dos órgãos com as devidas agremiações. (...) Folhetins, de preferência traduções de autores estrangeiros, e colaborações em prosa e em verso, mais freqüentemente sobre assuntos históricos, além dos anúncios, completavam a matéria oferecida à leitura do público (Nobre, 1974, 115).

O jornal *Libertador* é exemplo desse tipo de publicação. Ele fora criado pela Sociedade Cearense Libertadora⁵, da qual Oliveira Paiva passou a participar após ter retornado do Rio de Janeiro ao Ceará⁶. Lançado em 1881, o jornal durou pouco mais de dez anos. Seu propósito se extinguiu em 1884, quando o Ceará decretou a lei abolicionista. O jornal passou a se destacar, assim como os demais, como uma publicação cultural. Sua extinção acontece posteriormente à Proclamação da República, quando se transforma no jornal *A República*, em 1892.

A movimentação intelectual da segunda metade do século XIX, como diz Tinhorão (2006), estava atenta com as discussões e produções intelectuais do resto do Brasil. O historiador ressalta que os participantes envolvidos nesses grupos, embora oriundos da classe média, não estavam necessariamente com a produção de riqueza, mas com o aperfeiçoamento e a ascensão social do Estado do Ceará. Esses intelectuais se preocupavam basicamente com três temas centrais: literatura, república e escravidão.

O perfil de Oliveira Paiva é apenas de mais um a se formar na segunda metade do século XIX: um jornalista-escritor com preocupações intelectuais, políticas e sociais.

⁵ A Sociedade Cearense Libertadora foi criada em 8 de dezembro de 1880, depois da influência da Sociedade Perseverança e Porvir. O seu estatuto de fundação era bem enxuto: Art. 1º - Um por todos e todos por um; §único - A sociedade libertará os escravos por todos os meios ao seu alcance. Idealizada por João Cordeiro, o grupo propunha que os escravos ficassem soltos, foragidos e não propriamente alforriados. O mentor da sociedade objetivava um grupo carbonário, sem ligações governamentais, com a proposta de uma revolução escravista, feita por todos os meios. O mais curioso, destaca Nascimento (In: Souza, 1989), era que todo o processo de abolição no Ceará foi produzido pela elite social e intelectual cearense. Um dos principais meios utilizados pelos responsáveis da abolição foi o da retórica “como se não bastasse a veemência do poder verbal, a palavra em caracteres, os gráficos se incorporava à campanha social e humanitária, ganhando poderoso instrumento de sensibilização da opinião pública com a fundação do jornal *Libertador*”(Nascimento In: Souza, 1989, 173).

⁶ Por motivos de saúde, Oliveira Paiva, que pretendia seguir carreira na Escola Militar da Corte, precisou abandoná-la e regressar ao Ceará. Regressa a sua terra natal em 1882 e fica até sua morte, provocada pela tuberculose. Sobre a biografia de Oliveira Paiva, consultar Tinhorão (1986) e Montenegro (2003).



Não apenas no Ceará, mas em todo o Brasil. Enquanto morou em Fortaleza, antes de sua morte, participou das atividades intelectuais e políticas da província cearense. Republicano e abolicionista, ele utilizou de todos os elementos presentes na época para desenvolver seu pensamento e propagar suas ideias “transformadoras”. A sua principal arma era a palavra escrita, seja por meio da literatura ficcional ou poética, seja por meio de textos panfletários, difusores de pensamentos e argumentações.

2. O movimento da escrita

Os jornais e as revistas eram os principais veículos dessa geração. Para poder executar esses periódicos, os intelectuais organizavam-se por meio de confrarias, sociedades, grêmios, clubes ou academias. O Ceará foi um dos estados brasileiros com o maior número de atividades e/ou instituições de propósito político-cultural, durante a segunda metade do século XIX. Nesse período,

a literatura e os jornais foram parceiros que almejavam a função de arautos do saber, da verdade, na comunidade letrada, que cada vez mais era absorvida, de forma unilateral, pelas imagens das letras, os tipos, pelo eco que vinha de dentro das academias, bibliotecas, das leituras em voz alta nas praças, casas adentro e das tipografias, pelas mãos dos tipógrafos (Fernandes, 2006, 33).

De acordo com Cavalcante (2008), foram registradas trinta e sete agremiações na província cearense somente na segunda metade do século XIX. O dado demonstra uma grande mobilização em torno de assuntos culturais, filosóficos e políticos no Ceará. A pesquisadora endossa sua argumentação ao apresentar a famosa frase de José Veríssimo, citada por vários memorialistas e pesquisadores cearenses, quando este ressalta que Fortaleza, depois do Rio de Janeiro, no período citado, era a cidade com melhor desempenho na vida literária.

Além da preocupação de publicações literárias, uma marca da produção cearense no final do século XIX é com o pensamento científico. Como ressalta Celeste Cordeiro,

os novos matizes de pensamento que começam a se fazer sentir na vida intelectual brasileira a partir de 1870 são todas expressões das ideias européias do século XIX: positivismo, naturalismo e evolucionismo. É a postura cientificista, apoiando o processo de modernização do país, acompanhando as mudanças que acontecem no mundo e desenhando um novo perfil urbano, predisposto ao cultivo de valores cosmopolitas e à aceitação de instituições seculares (Cordeiro, 1997, 67).

Os textos desses intelectuais, de acordo com Cavalcante, sempre despertavam polêmicas, ao circularem no universo letrado da província. A repercussão, segundo a pesquisadora, não se dava, porém, apenas da forma escrita, mas principalmente no meio oral, nos redutos de encontros intelectuais da época. Além de interesses ideológicos particulares, havia, como principal função desses movimentos, difundir novos pensamentos e a tentativa de educar a população ignorante e alheia às tendências mais modernas europeias.



Nesse aspecto, importante ressaltar, os jornais em si, como pondera Fernandes (2006), não eram os veículos mais importantes. Eles, sem a garantia de acesso e sem a leitura, não seriam assimilados, tendo muitas vezes suas razões de existir questionadas. Havia, porém, no discurso dessas publicações e divulgações, uma tentativa de mudar os costumes de parte da população iletrada “carente” de saberes, cultura ou outro elemento necessário para o progresso humano. Essa mudança só seria possível com o controle e a disciplina dos hábitos populares, pautados na vida moderna européia, com referência nos grandes centros industriais.

Mas será que esses esforços intelectuais eram “reconhecidos, eficientes e difundidos” entre a população? Fernandes (2006) apresenta o curioso dado de que alguns jornais cearenses do final do século XIX custavam 100 réis a mais do que um metro do tecido tipo “lanzinhas”. Isso mostra o quanto inacessível economicamente era comprar um simples exemplar de jornal. O próprio jornal Libertador, logo em 1882, um ano após sua primeira publicação, passou alguns meses sem circular por questões financeiras. O retorno do periódico ganhou uma nota no segundo tomo de Datas e Factos para a História do Ceará, de Barão de Studart. A mesma dificuldade enfrentava a revista A Quinzena, mantida principalmente pelos sócios do Clube Literário e com campanhas sempre frequentes para novos assinantes se interessarem e colaborarem com a causa.

O desinteresse por essas publicações não estavam apenas no ponto de vista econômico. Havia, porém, o empecilho social. Gilmar de Carvalho (2008) ao analisar os periódicos do período julga-os com um viés elitista, além de uma acentuada atitude de cunho iluminista, com a ingenuidade de poder salvar todos os humildes. O elevado número de analfabetos e as pequenas tiragens, destaca o autor, garantiam aos periódicos uma quantidade reduzida de leitores. O número minguado, na opinião de Gilmar, não elimina a boa intenção desses intelectuais.

A situação, de fato, não era nada favorável. Em 1887, ano de publicação d'A Quinzena, por exemplo, de acordo com levantamento feito por Barão de Studart (2001), havia cerca de 26.943 habitantes em Fortaleza. Destes, 319 eram estrangeiros; 9.845 possuíam a garantia de emprego, distinguindo-se dos 17.698 desempregados. Os números equivalem entre os analfabetos que chegavam a 17.287, contra os 9.656 capazes de distinguir as letras.

3. Anuncia-se a abolição dos escravos

Embora o “desapontamento” com a situação da imprensa cearense seja aparente, Oliveira Paiva comportava-se como um misto de decepcionado e entusiasta em relação



à sua produção intelectual. Não ficaram muitos manuscritos de registro da experiência editorial de Oliveira Paiva entre os escritos políticos. Porém ao analisarmos o periódico *Libertador*, como um todo, percebemos algumas características da imprensa abolicionista cearense. O jornal se apresentou ao público como uma publicação quinzenal, posteriormente passou a ser diário, destinada à propaganda e interesses abolicionistas, mantida pelo Órgão da Sociedade Cearense Libertadora. A publicação estava aberta para qualquer colaboração, desde que concebida nos termos de seu programa político. O texto de abertura do jornal funciona como um longo manifesto poético a respeito da igualdade entre os brancos e os negros e afirma ser uma vergonha para o Ceará permanecer com a mancha da escravidão. Mas, além de promover um apelo pela abolição, a primeira edição traz um curioso trecho no qual diz:

poderemos exclamar cheio de prazer aos nossos irmãos do Sul: vinde aprender conosco a ser livres! Vinde gozar das alegrias que não podeis conhecer! Vinde ver como um povo acabrunhado de mil calamidades naturais, encara os perigos e a despeito de todas as desgraças, só sonha com as grandezas que lhe inspira o esforço de sua constância. O Ceará está destinado a representar um grande papel na história do Império. (*Libertador*, 1881, p. 01)

Transparece nessas palavras, e em outros textos, ao longo de suas edições, o desejo de não apenas libertar os escravos, como também ser a primeira província da nação a ter seus escravos livres. Ao dar um “exemplo” para o Brasil, os abolicionistas puxam para as terras de Alencar a atenção dos olhos de todos aqueles envolvidos no debate abolicionista nacional. O discurso de nobreza e a demonstração das dificuldades de levar à frente um projeto deste estilo também estão presentes na primeira edição do jornal ao solicitarem ajuda dos leitores na divulgação, pois o *Libertador* “não conta assinantes, e nem dispõe de outro recurso, para a sua sustentação, senão a concorrência de todos aqueles que sabem ler e são bastante nobres para se interessarem pelo progresso do grande comprometimento” (*Libertador*, 1881, p. 01). A publicação parece ter sim conseguido ganhar forças e apoio de vários outros adeptos à luta da libertação dos escravos. “Até o final de 1882, o movimento abolicionista já conquistara o apoio de jangadeiros, ex-escravos, militares, magistrados, intelectuais, estudantes, positivistas, republicanos, monarquistas (Oliveira, 1998, 146).

Embora haja a participação de segmentos populares na causa, o discurso abolicionista, apresentado no *Libertador*, está diretamente ligado ao de civilização. Um país ao permitir o regime escravista demonstra-se atrasado e distante do progresso. Na edição do dia 07 de fevereiro, essas questões de atraso e escravidão ficam mais evidentes.

Assim, como mais uma vez reforça-se a ideia de que o Ceará, sendo o primeiro a abolir os escravos, servirá de grande exemplo para a nação. O reconhecimento de outras terras já ecoa na segunda edição, quando se publica uma carta oriunda do jornal Diário de Notícias, da Bahia, parabenizando a iniciativa cearense.

É uma palavra de ensinamento que ela dá as suas irmãs do Norte; é um brado que ela irrompe em favor da escravidão, (...) O Libertador acentua as palavras que vimos de dizer; é um órgão bem escrito, cheio de grandiosos pensamentos e prometendo de espaçada e gloriosa vida. (Libertador, 1881, p. 01)

Além de acariciar o ego dos abolicionistas daqui, o texto da Bahia serve para demonstrar como os intelectuais cearenses eram articulados com demais produtores de conhecimento pelo Brasil. O bom relacionamento com demais abolicionistas ficará ainda mais evidente na edição do dia 25 de março de 1884, data em que oficialmente deixou de existir negros escravos no Ceará. Em cinco páginas, o Libertador veio ao público com depoimentos de personalidades renomadas no Ceará e no Brasil, entre eles Capistrano de Abreu e Joaquim Nabuco, um dos maiores abolicionistas brasileiro. Ele contribuiu na edição com as seguintes palavras “não há em nosso passado, desde a Independência uma data nacional igual a que a província do Ceará vai criar. A imensa luz acesa no Norte há de destruir as trevas do Sul; não há quem possa impedir a marcha dessa claridade” (Libertador, 1884, p. 01).

Oliveira Paiva também demonstrou sua “felicidade”, diante do feito realizado no Ceará. Em um parágrafo, destinado “Aos Grandes Homens”, no qual escreveu

O acontecimento que hoje recebe a sua ultimação deve ser encarado como um fenômeno sociológico de primeira ordem, havendo vista a proverbial inconstância dos brasileiros. Ele denuncia que o caráter nacional começa a diferenciar-se. Começou-se pelo Ceará, terra profundamente democrática. Deve acabar na legítima democracia. Eu presto o meu humilde culto aos grandes homens d'esta pacífica revolução (Libertador, 1884, p. 01).

O termo utilizado por Oliveira Paiva para denominar a revolução conseguida pelos homens de branco foi “pacífica”, bem diferente do que pregava o estatuto de outrora, estabelecido pela Sociedade Libertadora Cearense. Isso porque, no Ceará,

não se tem notícias de grandes conflitos entre abolicionistas e escravagistas, a não ser os grandes debates através dos jornais da época. A denúncia feita pelo Libertador e a formação de uma opinião pública contra a escravidão, atraindo um segmento significativo da sociedade para a causa, sem dúvida, por si só foi um grande feito (Funes In: Souza, 2007, 130).

Ao acompanharmos os jornais de datas anteriores ao dia 25 de março, percebe-se, no entanto, que a abolição foi tratada mais como um evento social que propriamente resultado de grandes lutas nas terras cearenses. A data da abolição, em 1884, foi



marcada com muita antecedência e tratada como uma imensa festividade. Isso pode ser observado principalmente pela quantidade de anúncios publicitários⁷, nas edições anteriores à festa. Vários lojistas e varejistas aproveitaram o momento para divulgar produtos “especiais” a serem utilizados durante os festejos. Tudo era motivo para ser vendido com a finalidade de comemorar e consumir. O Libertador destinava páginas inteiras com anúncios distintos, que vendiam de tudo, desde o queijo suíço às bandeirolas, aos sapatos novos, sempre relacionando os produtos com o dia da abolição. Do filó branco à sardinha, tudo se encontrava nas lojas. Entre os vários anúncios encontrados, apresento aqui o que melhor resume a situação:

Aos Libertadores! Oferecemos um esplendido sortimento de artigos de fantasia para o grande dia 25 de março! Bandeiras! Completa coleção de todas as nacionalidades cores finíssimas, com lanças e varas envernizadas e de todos os tamanhos e preços. Lanternas de papel para iluminações a'giorno. Deslumbrantes, cambiantes conuscate. Apresentamos este anúncio, como paledo convite para a visitarem os nossos estabelecimentos. Viva 25 de março! Na loja de Ferragens de João Antônio do Amaral & Filho. (Libertador, 1884, p. 03)

Passada a data, os anúncios permaneceram exatamente iguais, tirando apenas as frases de efeito como “aos libertadores”; “grande 25 de março”; “viva 25 de março”. Era dessa forma que a imprensa cearense, partidária e com anseios carbonários, marcava sua história e noticiava a abolição da escravidão. Nas páginas do jornal Libertador, encontramos de Oliveira Paiva apenas o texto já citado e a publicação do romance A Afilhada, embora este não trate especificamente da questão abolicionista. Não houve registros que pudessem explicitar os anseios intelectuais de Oliveira Paiva.

4. A insistência intelectual

Os textos de caráter “científico” de Oliveira Paiva encontram-se principalmente na revista A Quinzena, da qual fora editor e diretor. A iniciativa de ter um órgão de imprensa trata-se de um mecanismo de resistência e combate na produção do pensamento. Mas nem tudo é fácil. Na primeira edição da revista, em 15 de janeiro de 1887, a publicação já anunciava as dificuldades de tocar para frente, em Fortaleza, um projeto ousado como aquele. “Na província, aqui por estes recantos do Norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificamente rotineira da vida provinciana, para escrever sobre letras, artes e ciências” (A Quinzena, 1887, p.01).

⁷ De acordo com Carvalho (2008), não se pode denominar as publicidades do final do século XIX de “propaganda”. “Os anúncios eram bem mais uma forma de comunicação separada, em termos de espaço, inclusive por tarja e a palavra anúncio (com dois enes) do corpo editorial da publicação”. A propaganda, em si, é algo muito mais sofisticado, desenvolvida com instrumentos de atuação no mercado.



O texto de apresentação da revista, assinado por João Lopes⁸, traz um compêndio do programa editorial e, ao mesmo tempo, queixa-se das dificuldades financeiras. A imprensa partidária – como o texto denomina – “vive para aí sabe Deus como, quase a finar-se à míngua de alento, operando milagres de resistência” (A Quinzena, 1887, p.01). Fazer parte de um projeto editorial como A Quinzena e o Clube Literário – entidade responsável pela publicação – demonstra ser um ato de coragem, pois não é fácil “meter-se teimosamente pelos olhos do povo que lhe volta as costas e convencidamente afirma que a boa política é cada um em sua casa com sua mulher e seus filhos” (A Quinzena, 1887, p.01).

O programa apresentado por João Lopes vale tanto para a revista, como para o Clube Literário. Em setembro do mesmo ano, A Quinzena sai com a publicação do estatuto do Clube, no qual, entre os vários artigos apresentados, o mais interessante para esta pesquisa é o oitavo que diz:

Para realização de seu programa, o Clube manterá um órgão na imprensa, promoverá conferências públicas, procurará relacionar-se com os vultos da literatura, das artes, e da ciência, corresponder-se-á com as corporações congêneres do império e do estrangeiro e intervirá perante os poderes públicos quando assim for necessário (A Quinzena, 1887, p.08).

É notória, portanto, a preocupação de transformar a imprensa em um órgão de debate, que possa mudar a realidade cearense e, quiçá, brasileira. A tecla da necessidade de instrução e conhecimento para o crescimento e progresso da província será repetida algumas vezes ao longo da publicação d’A Quinzena. Oliveira Paiva, em julho de 87, escreveu um texto sobre os propósitos das conferências promovidas pelo Clube Literário. Mais uma vez, ele demonstra o seu descontentamento com a província ao escrever: “Primeiro que tudo, instrução é prenda que por aqui não há; pelo que o estudo acurado, a aplicação científica do homem sobre a natureza para chegar à compreensão da sublimidade do coração humano, é geralmente impossível aqui” (A Quinzena, 1887, p.08).

O artigo de Oliveira Paiva faz um diagnóstico, com extrema lamentação, dos aspectos artísticos e políticos de Fortaleza. “Não possuímos a majestade dos monumentos arquitetônicos, nem a vida silenciosa das estatuas, nem o despertar de uma natureza nova e melhor ao fiat do pintor, nem a transfiguração misteriosa que nos incute a alta música” (Quinzena, 1887, p.08). Para Oliveira Paiva, a carência de arte faz com que as pessoas no Ceará sejam tomadas por bárbaros, desprovidos de distinção humana.

⁸ João Lopes, participante da Academia Francesa (1873-1875), foi companheiro de Oliveira Paiva, na década de 1880, em pelo menos dois órgãos de imprensa: Libertador e A Quinzena. De acordo com Raimundo Girão (1997), a redação era na residência de Lopes. Segundo o historiador o jornal Libertador era definido como um local onde reinava a ordem, o asseio e a civilidade, criando um ambiente de conforto e de afeto para todos que o frequentassem. O amigo João Lopes também foi uma dos responsáveis pela criação do Clube Literário, uma entidade intelectual cearense do século XIX, organizadora da revista A Quinzena, na qual Oliveira Paiva escreveu seus primeiros contos.



Ainda sobre a carência de arte no Ceará, o escritor é bastante taxativo ao dizer que “enquanto o homem não abre as suas veias à inoculação do prodigioso filtro do sentimento, não passa de selvagem, ou quando muito, de bárbaro. Pra ser nobre é preciso saber sentir” (A Quinzena, 1887, p.08). A nobreza advém com o conhecimento. Por isso, a criação do Clube Literário e de A Quinzena. Mesmo com essa iniciativa, Oliveira Paiva constata em seu texto que Fortaleza é uma cidade frágil, sem um campo de arte e ciência consolidado. Essa consolidação viria principalmente com difusão mais extensa do livro, ainda inviável. A população devia se contentar com a imprensa um meio de difundir a literatura. Esta será a principal ferramenta de seu combate “deve ser uma arma para o cearense. Esta é a idéia do Clube Literário – o livro e a palavra em ação” (A Quinzena, 1887, p.08). Oliveira Paiva finaliza sua reflexão com uma convocação inflada, mostrando, mesmo depois de um artigo, no qual constata tantas questões lamentáveis, ele reage e clama “que o povo não seja rebelde à voz de seus melhores amigos; que a sociedade cearense corra a ouvir as palavras sinceras arrancadas a parte mais nobre da nossa alma” (A Quinzena, 1887, p.08).

Há nessa última oração, um elemento interessante. Oliveira Paiva se apresenta como “a parte mais nobre de nossa alma”. Essa afirmação reforça ainda mais a ideia de haver um caráter civilizador e iluminista por parte da imprensa cearense. E como o artigo todo demonstra, havia uma resistência muito grande da população, em aderir ao projeto proposto por esses intelectuais. Como ressalta o historiador Almir Leal Oliveira,

Para a concretização desta evolução social cabia aos intelectuais um papel destacado de guias da nacionalidade a uma ruptura que, na visão deles, inauguraria uma nova forma de progresso, como também uma nova sociedade. (...) Esta concepção desenvolveu também uma leitura dos atributos morais cearenses, no sentido destes superarem suas limitações naturais, realizarem a tarefa social da abolição na província e iluminarem a Nação pelos caminhos da racionalidade positiva (Oliveira, 1998, 102).

Influenciado pelos pensamentos europeus evolucionistas, Oliveira Paiva abraça uma corrente de pensamento literário. Para ele, será o naturalismo o método de escrita que melhor se adéqua aos anseios de poder mudar assim a realidade humana. Na busca de encontrar uma forma de transformar a realidade cearense, Oliveira Paiva abraça ao naturalismo como o método de sua prática intelectual. Em A Quinzena, Oliveira Paiva, com o pseudônimo Gil Bert, elabora o texto intitulado O que vem a ser uma obra naturalista?. A questão, ele julga, é “dificílima de responder”, mas arrisca alguns palpites. Para firmar sua argumentação, o escritor busca embasamento teórico em conceitos do enciclopedista e filósofo francês Diderot, defensor de que “as produções da

arte serão comuns, imperfeitas e fracas enquanto não nos propusermos a uma imitação mais rigorosa da natureza” (A Quinzena, 1888, p.12).

Discutindo com Diderot, Oliveira Paiva apresenta o questionamento sobre o verdadeiro significado de copiar a natureza e chega à conclusão de que a imitação não pode ser mera reprodutora, mas também criadora. “A imitação rigorosa da natureza é, portanto, não somente copiar, mas produzir, proceder, criar no rigor das leis naturais” (A Quinzena, 1888, p.12). O processo de criação não pode ser irresponsável. O método das ciências naturais guia o sentido de sua preocupação com o mundo real em que vive.

Os artistas que se apegam de preferência à imaginação, esses podem dizer e obrar o que quiserem porque não têm responsabilidade. Mas os que preferem abismar-se durante a vida inteira no seio da criação e daí perscrutando as infinitas e imutáveis leis, fazer sentir aos seus semelhantes a beleza suprema da verdade, na tendência continua para o real, para o inatingível, esses têm o que perder. Quando eles [os escritores naturalistas] deitam uma obra ao mundo, são encarados como si um mundo lhes caísse das mãos, criado, na incomparável expressão bíblica, à sua imagem e semelhança (A Quinzena, 1888, p.12).

Quase num âmbito da sacralização, a criação de um escritor naturalista exige, para Oliveira Paiva, uma responsabilidade intelectual, não basta criatividade nem inventividade. Uma literatura produzida com método científico utiliza parâmetros de comparação para a sua produção. Sua criação e imaginação são inspiradas principalmente na realidade vivenciada. Na realidade, o escritor buscará a base para sua produção. Mais uma vez otimista, com a nova vanguarda, ele afirma que “a tendência universal da arte é o naturalismo. Mas o artista para penetrar na natureza tem de atravessar a sociedade que o produziu” (A Quinzena, 1888, p.12).

5. Considerações finais

O pensamento de transformação de Oliveira Paiva estava presente tanto no debate da arte – quando discute a força da estética naturalista –, quanto no debate político ao participar de um dos jornais mais importantes cearense nas causas abolicionistas. O perfil de Oliveira Paiva serve como pano de fundo para esboçar a imprensa cearense do final do século XIX preocupada em abraçar, explicitamente, causas. Para Oliveira Paiva, uma das marcas mais fortes para a união entre “progresso e arte” está na estética naturalista, escola a qual ele tentará contemplar em seus romances.

Por outro lado, as dificuldades de manter e exercer o ofício de jornalista ou intelectual mostravam-se hercúleas. As barreiras não são apenas financeiras, mas principalmente de conseguir executar a sua principal função: educar os leitores e transformar a realidade. Fazer jornalismo ou esboçar um pensamento sobre arte-



realidade no final do século XIX em Fortaleza era uma tarefa de dialogar com os poucos leitores interessados nas questões “modernas”. Era uma atividade fadada a um público restrito. Mas Oliveira Paiva insistia. Nesse aspecto, ele se apresenta em pleno diálogo consonante com seus contemporâneos. Havia um esforço intelectual, principalmente por parte dos escritores que se diziam anti-românticos, em se buscar uma produção literária impessoal, cuja objetividade respondesse aos métodos científicos. Há, portanto, uma preocupação muito forte do ponto de vista político por trás da proposta naturalista de conceber arte e não existirá melhor forma de difundir esses ideais se não for por meio da palavra escrita, em especial dos jornais e das revistas.

Em todo o Brasil, os intelectuais naturalistas estavam principalmente envolvidos, do ponto de vista político, com as questões relacionadas à abolição dos escravos e à implantação da República. Como disse, Oliveira Paiva é apenas “mais um” entre os vários brasileiros letrados que, no final do século XIX, se aventurou em transformar a nação. Não por coincidência, Alfredo Bosi (2006) argumenta que o naturalismo teve o seu auge, na década de 1880, principalmente com as publicações de *O Cortiço*, Aluísio Azevedo; *O Missionário*, de Inglês de Souza, e *Bom-Criolo*, de Adolfo Caminha, este último também cearense e amigo de Oliveira Paiva.

Por um lado, pode-se considerar salutar a ideia de que esses escritores estivessem engajados com a transformação do contexto político brasileiro. Porém, como o próprio Bosi ressalta, o modelo da escrita naturalista fora mais um “modismo intelectual” no Brasil, importado da Europa, assim como ocorrera com o romantismo, entre outras escolas literárias. Se havia a convicção entre os defensores de ser o naturalismo uma proposta vigorosa para o Brasil e de emancipação de seu pensamento, ela logo se esvai uma vez conquistados (ou não) os seus objetivos.

A produção cearense e brasileira de jornais no final do século XIX não consegue, se é que hoje já tenha conseguido, se esquivar de uma dominação e de um modelo de importação pautado por parâmetros estrangeiros. Oliveira Paiva, repito, foi apenas mais um, entre tantos, a comprar esta ideia e difundi-la entre suas palavras.

6. Referências bibliográficas

AZEVEDO, S. *A Academia Francesa do Ceará (1873 - 1875)*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1971.

_____. *Grêmios Literários do Ceará*. In: SOUZA, S. (org). *História do Ceará*. Fortaleza: Stylus, 1989.



- BOSI, A. História Concisa da Literatura Brasileira. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARVALHO, G. O gerente endoidou: ensaios sobre publicidade e propaganda. Fortaleza: Omni Editora, 2008.
- CAVALCANTE, A. Uma escritora na periferia do império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908). Santa Catarina: Editora Mulheres, 2008.
- CORDEIRO, C. Antigos e modernos: progressismo e reação tradicionalista no Ceará Provincial. São Paulo: Annablume, 1997.
- FERNANDES, A. C. S. A imprensa em pauta: Jornais Pedro II, Cearense e Constituição. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
- FUNES, E. Negros no Ceará. In: SOUZA, S. (org). Uma nova história do Ceará. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- GIRÃO, R. Geografia Estética de Fortaleza. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1997.
- OLIVEIRA, A. L. de. Saber e Poder: o pensamento social cearense no final do século XIX. 1998. 224f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, 1998.
- _____. Universo letrado em Fortaleza na década de 1870. In: SOUZA, S. de; NEVES, F. C. (org.). Intelectuais. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- PINTO, R. M. Experiência e ficção de Oliveira Paiva. São Paulo: USP - Instituto de Estudos Brasileiros, 1967.
- NASCIMENTO, F.S. Síntese Histórica da Escravidão Negra. In: SOUZA, S. (org). História do Ceará. Fortaleza: Stylus, 1989.
- NOBRE, G. S. Introdução à História do Jornalismo Cearense. Edição Fac-similar. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.
- MONTENEGRO, T. Oliveira Paiva. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003.
- STUDART, B. de. Datas e Factos para a história do Ceará. Tomo II. ed. fac-similar. Fortaleza, Fundação Waldemar Alcântara, 2001.
- TINHORÃO, J. R. Vida, tempo e obra de Manoel de Oliveira Paiva. Fortaleza: SECULT, 1986.
- _____. A Província e o naturalismo. ed. fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

7. Fontes

A Quinzena, 15 de janeiro de 1887.



A Quinzena, 15 de setembro de 1887.

A Quinzena, 31 de janeiro de 1888.

Libertador, 01 de janeiro de 1881.

Libertador, 07 de fevereiro de 1881.

Libertador, 20 de março de 1884.

Libertador, 25 de março de 1884.